

NO RASTRO DOS *EMIGRATI* NA ARGENTINA: DA *GARIBALDI* A *CHE GUEVARA* E *QUANDO* *DIO BALLAVA IL TANGO*

ADRIANA MARCOLINI*

RESUMO: O texto apresenta os livros *Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia* (2015), de Beatrice Mortillaro, e *Quando Dio ballava il tango* (2002), de Laura Pariani, e traça uma análise comparativa entre eles. As famílias das duas autoras são marcadas pela emigração para a Argentina. As obras situam-se no contexto da “redescoberta” da emigração italiana por parte dos escritores contemporâneos da Península. Inserem-se no âmbito da proliferação de obras literárias sobre a emigração para a Argentina, a maioria escritas por mulheres. Tais obras trazem à tona o olhar feminino sobre a emigração.

PALAVRAS-CHAVE: emigração; Argentina; família; mulheres; feminino.

ABSTRACT: Il testo presenta i libri *Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia* (2015), di Beatrice Mortillaro, e *Quando Dio ballava il tango* (2002), di Laura Pariani, e fa un’analisi comparativa tra essi. Le famiglie delle due autrici sono segnate dall’emigrazione in Argentina. Le opere si inseriscono nel contesto della “riscoperta” dell’emigrazione italiana da parte degli scrittori contemporanei della Penisola. Esse fanno parte della proliferazione delle opere letterarie sull’emigrazione in Argentina, scritte soprattutto da donne. Queste opere portano a galla lo sguardo femminile sull’emigrazione.

PALAVRAS-CHAVE: emigrazione; Argentina; famiglia; donne; femminile.

ABSTRACT: The text introduces the books *Da Garibaldi to Che Guevara. Storie della mia famiglia* (2015), by Beatrice Mortillaro, and *Quando Dio ballava il tango* (2002) by Laura Pariani, and makes a comparative analysis between them. Emigration to Argentina is a landmark in the families of both authors. The books are part of the “rediscovery” of Italian emigration by contemporary writers from Italy. In addition, they belong to a literary trend observed today: the publication of several novels written by

*Universidade de São Paulo (USP)

amarcolini@usp.br

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i39p44-53>



Italian women writers inspired in emigration to Argentina. They bring out the feminine look on emigration.

KEY-WORDS: emigration; Argentina; family; women; femmine.

As histórias ajudam as pessoas em busca do entendimento, separando o relevante do irrelevante, as ações de seus ambientes, a trama de seus antecedentes, e os heróis ou vilões que se encontram no centro do roteiro das hostes de excedentes e simulacros. É missão das histórias selecionar, e é de sua natureza incluir excluindo e iluminar lançando sombras (BAUMAN, 2005, p. 26).

Introdução

Beatrice Mortillaro e Laura Pariani. A primeira, uma siciliana nascida em 1928; a segunda, uma lombarda de 1951. Separadas pela geografia e pela idade; unidas pela partida de seus antepassados para a Argentina. Ambas atizadas pela faísca de desvendar a história familiar e seduzidas pela descoberta de um país do outro lado do mundo pelo qual se sentem ligadas. Visitam a Argentina várias vezes. Produzem obras literárias inspiradas nas tramas de suas famílias ítalo-argentinas: *Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia* (2015), de Beatrice Mortillaro, e *Quando Dio ballava il tango* (2002), de Laura Pariani. Um dos primeiros aspectos evidenciado pela leitura de ambas é que, para além das estatísticas, a emigração é um tema espinhoso e delicado na esfera pessoal e familiar. Corta como uma faca a trajetória das famílias e incide sobre a vida de quem parte, mas também sobre a de quem fica.

Este artigo tece um panorama dos dois livros e os analisa sob a perspectiva do olhar feminino, no âmbito da literatura da emigração italiana produzida na atualidade. Ambos foram escolhidos por serem escritos por mulheres. A escrita feminina traz uma nova ótica sobre a emigração e contribui para revelar as vicissitudes vividas pelas mulheres no percurso migratório, retirando o manto da invisibilidade que sempre as relegou ao papel de coadjuvantes. Também foram selecionados em virtude de serem frutos de uma escritora profissional (Pariani) e de uma autora (Mortillaro) que não se dedica à literatura como ofício, mas que encontrou na escritura um meio de transmitir a reconstituição de sua história familiar. Assim sendo, oferecem perspectivas diferentes sobre um mesmo tema. Por último, a escolha recaiu sobre os livros acima porque tanto um quanto outro dizem respeito à expressiva emigração italiana para a Argentina.¹

¹ De acordo com o livro *Migrazioni Italiane – Storia e Storie dall’Ancien régime a oggi*, a partir de meados do século XIX a Argentina foi o segundo destino das migrações transoceânicas italianas, e até a Primeira Guerra Mundial, o país recebeu cerca de dois milhões de italianos. (AUDENINO; TIRABASSI, 2008)

Quadro teórico

Considerando a magnitude da emigração na história da Itália, é evidente que, no passado, os escritores da Península não deram ao tema a atenção que ele merece, como bem observam os pesquisadores Emilio Franzina, Sebastiano Martelli e Gianni Paoletti. Todos eles atentam para o silêncio da literatura italiana com relação à emigração e utilizam o termo *rimozione* – o hábito de dissimular, ou ocultar a existência de um problema – para se referir a esse *silenciamento* da emigração como *tópos* literário. Um dos mais destacados pensadores da Itália na primeira metade do século XX, Antonio Gramsci (1891-1937) também chamou a atenção para essa omissão: “[...] In Italia è sempre esistita una notevole massa di pubblicazioni sull’emigrazione come fenomeno economico-sociale. Non corrisponde una letteratura artistica: ma ogni emigrante racchiude in sé un dramma, già prima di partire dall’Italia” (1993 apud PAOLETTI, 2011, p. 12).

De fato, em geral o tema não era tratado em primeiro plano, mas aparecia subentendido ou era apenas mencionado. Poucas foram as obras em que o emigrante aparecia como protagonista, no centro da narrativa. A postura de dissimular e/ou ocultar a emigração persistiu na Itália até a década de 1970, quando a saída de cidadãos diminuiu consideravelmente e o país passou a atrair imigrantes. Em 1973, pela primeira vez desde a unificação, foi registrado um saldo migratório positivo de 1.366 cidadãos, ou seja, o número dos que retornaram foi maior do que o dos que partiram. (COLUCCI, 2012, p. 12). Foi só a partir da década de 1980 que a emigração passou a ser abertamente tratada como um *tópos* literário. Literatos como Carmine Abate, autor de *Il Muro dei Muri* (1993), e Giose Rimaneli, autor de *Famiglia. Memoria dell’emigrazione* (2000) e *In nome del padre* (1999), entre vários outros, publicaram títulos com essa nova perspectiva. Parece que os escritores tenham despertado para a necessidade de fornecer instrumentos de reflexão voltados a um público abarrotado de notícias sobre a chegada dos chamados *barconi di clandestini* na Sicília, numa avalanche de imagens e manchetes que beiram a histeria.

É nesse contexto de “descoberta” da emigração italiana por parte dos escritores que a literatura produzida hoje na Península tem revelado uma série de obras escritas por mulheres, como mostram os exemplos de *Vita* (2014), de Melania Mazzucco, ou de *Oltremare* (2004), de Mariangela Sedda – e ainda os livros que são objeto de análise neste texto. Chama a atenção o lançamento de vários títulos focados na emigração italiana para a Argentina, todos fruto do labor feminino, como nota a pesquisadora Emilia Perassi:

Naturalmente, e a fronte dell’imponenza del tema migratorio nell’attenzione sociale, culturale e psicologica della nostra epoca, qualcosa sta cambiando. Occhieggiano qua e là narrazioni impegnate e sensibili che cercano di comprendere questo nostro passato in modo che aiuti a lumeggiare il presente: penso a Laura Pariani, Mariangela Sedda o Romana Petri, che ricorrendo all’accoglienza del ‘spare materno’ tracciano la storia di un’umanità sradicata e dolente, ma al tempo stesso coraggiosa e indomata dalla sofferenza, quale quella migrante. Resta singolare, almeno per quanto riguarda il

caso argentino, sul quale si concentrano le scrittrici appena menzionate, la sostanziale assenza di voci maschili. (PERASSI, 2012, p. 98)

Em seu texto “Immaginari e memorie collettive”, publicado em 2016 no volume “Argentina 1976-1983 Immaginari Italiani”, a pesquisadora Camilla Cattarulla registra o renovado interesse que a cultura italiana tem manifestado pela realidade argentina. De acordo com ela, o fenômeno se deve a diversos fatores, como o voto dos italianos no exterior, a crise econômica argentina, em 2001, que levou muitos descendentes a irem para a Itália, o desaparecimento de cidadãos argentinos de origem italiana durante a ditadura militar e, ainda, a abertura, na Península, de processos contra os militares envolvidos no desaparecimento de italianos na Argentina. Mais recentemente, a eleição do Papa Francisco Bergoglio, um argentino filho de imigrantes do Piemonte que partiram em 1929, contribuiu para reavivar os laços entre as duas nações.

Metodologia

Considerando o destaque que algumas escritoras italianas têm conferido nos últimos anos à emigração para a Argentina, a opção recaiu sobre duas que se inserem nesse processo literário. Os livros de Laura Pariani e Beatrice Mortillaro, respectivamente *Quando Dio ballava il tango* (2002), e *Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia* (2015), representam mundos diferentes, mas, apesar disso, oferecem a possibilidade de estabelecer contrapontos. Além das obras em si, este trabalho está fundamentado no estudo de vários textos de autores que se dedicam à literatura da emigração italiana. Alguns, como Emilio Franzina e Sebastiano Martelli, são historiadores que atentaram para a relevância desse tipo de literatura para a história da emigração da Península, e tiveram um papel importante ao trazer à tona um *corpus* literário que foi praticamente esquecido pela crítica e pouco estudado pelos pesquisadores das letras itálicas. Apesar de se debruçarem principalmente (mas não apenas) sobre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, esses historiadores oferecem análises abrangentes que podem servir para outros períodos.

Análise das obras

As duas narrativas escolhidas são bastante diferentes entre si. *Quando Dio ballava il tango* (2002), de Laura Pariani, foi escrito por uma autora, cuja obra inclui outros títulos ligados à emigração italiana para a Argentina. Já *Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia* é um dos tantos livros publicados por integrantes de famílias marcadas pela emigração que narram a reconstituição da história familiar. Na maioria das vezes, a escrita literária não é o ofício desses autores, mas isso não desmerece suas obras. Ao contrário, traz à luz o olhar “comum”, ou seja, o olhar que poderia ser aquele de tantos cidadãos italianos, cujas gerações foram separadas pela emigração.

Quando Dio ballava il tango

Laura Pariani baseia seu livro na sua história familiar: uma tragédia marcada pelo abandono. Seu avô, um mestre de obras anarquista e antifascista, partiu de vez para a Argentina, em 1926, convencido de que o fascismo duraria pouco e certo de que a estadia seria breve. Não foi o que aconteceu: o regime fascista se prolongou e ele, de tanto adiar a volta, acabou por abandonar para sempre a mulher e os filhos que deixara na Itália e a formar outra família.

A mãe de Laura, que tinha pouco mais de um ano quando isto aconteceu, nunca o perdoou, mas, mesmo assim, quis conhecê-lo e entender por que ele havia tomado a decisão de permanecer naquele país distante. Ao decidir realizar a viagem, levou a filha, então uma adolescente de 15 anos. A estadia, que deveria ser breve, acabou se prolongando, e a menina já estava com 17 quando retornou à Itália. A convivência com o avô, a revelação de histórias familiares encobertas pelo silêncio, a descoberta de outro mundo e o contato com uma nova língua marcariam para sempre aquela menina que, todavia, se encontrava no limbo entre a adolescência e a vida adulta. Aquela viagem representou um rompimento com a infância e, a partir de então, Laura Pariani não será mais a mesma: a “amargura do retorno” lhe impedirá de reconectar-se totalmente com as próprias raízes. Deixará de ser apenas lombarda, italiana e europeia, para também ser americana, argentina, e filha da imensidão da Patagônia, região onde residia seu avô, em cuja casa passou vários meses.

Passados 35 anos, já uma mulher madura, voltou à Argentina. E retornaria muitas vezes depois. Mergulhou nas trajetórias dos imigrantes, no tango, na cultura e na história. Foi incubada pelo vírus da memória. Desvendou um universo que parecia estar à sua espera para ser narrado. Vieram então os livros – um deles é justamente *Quando Dio ballava il tango*.

São dezesseis histórias de mulheres nascidas entre 1872 e 1952, que pertencem a seis famílias de imigrantes italianos na Argentina. O tango, música da dor e da perda por excelência, reflete a dor dessas mulheres, unindo-as em torno de si. Cada capítulo ou história pode ser lido separadamente ou como parte de um romance coletivo, que inclui todas. A narrativa tem um forte caráter autobiográfico. A personagem Corazón, que depois de muitos anos na Itália retorna à Argentina para coletar as histórias dos parentes para um documentário, é o *alter ego* da autora, e tal qual um fio, une todas as histórias.

O primeiro capítulo, *Il passato che torna*, tem como protagonistas Venturina Majna (1892-1981) e Corazón – avó e neta. Desenrola-se em 1978, em plena ditadura, quando a Copa do Mundo de Futebol foi disputada na Argentina. Corazón acaba de perder o marido Giordano, sequestrado pelos militares. Deixa Buenos Aires rumo à Itália levando consigo a filha de cinco anos. Quer recuperar o próprio passado italiano depois da *desaparición* do marido, trazer à tona a história de seu avô antes que ele emigrasse para a Argentina. Está em busca de proteção e fixa residência na Itália. Por sua vez, Venturina Majna foi abandonada pelo marido, Antonio Togn, o avô de Corazón – que depois de um período como imigrante sazonal (*golondrina*) na Argentina adotou de vez o país, constituiu família e lá permaneceu até o fim da vida.

Já neste capítulo se nota o olhar feminino, uma característica que se repete nos demais. Neste particular, os escritos de Laura Pariani remetem a Maria Messina, a autora siciliana (1887-1944) que escreveu contos memoráveis nos quais transparece o drama que a emigração representou para as mulheres italianas deixadas para trás pelos maridos, irmãos e filhos. Às vezes, como no caso no conto *Nonna Lidia*, com um neto para criar. O diálogo entre Venturina e Corazón revela o desconforto que Antonio Togn sentia em casa ao voltar de uma primeira estadia na Argentina – justamente o que aconteceu com o avô da autora. Até decidir emigrar de vez e abandonar a família e a mulher “Le montagne e noi donne; sempre qui a aspettare, a non chiedere, a non pretendere, a non seccare: o surbì o sciüscià...” (PARIANI, 2007, p. 17).

O tema dos desaparecidos volta à tona com força em *Sempre Grigio*, a história de Teresa Roveda, prima de Corazón. A narrativa se passa na cidade de La Plata, em 1978, no dia da final da Copa do Mundo de Futebol. Emilio, o marido de Teresa, foi sequestrado pelos militares, e a personagem vive aterrorizada pelo medo de também o ser. A angústia da personagem Teresa é confrontada com a euforia da vitória da seleção argentina, em um embate ritmado e tenso.

Os capítulos são um caleidoscópio da história argentina entre 1898 e 2001. Tal como aconteceu durante a longa estadia da autora na casa de seu avô em Neuquén, na Patagônia, quando conviveu com quatro idiomas (o espanhol dos filhos dele, o mapuche da mulher indígena, o cocoliche do avô e o italiano dela própria), Laura Pariani entremeia sua narrativa com trechos em dialeto e em espanhol, inserindo, às vezes, frases inteiras em um desses idiomas. Essa escolha linguística transmite a sensação de dois mundos paralelos e nos remete à “dupla ausência” teorizada pelo sociólogo argelino Abdelmalek Sayad, para quem o emigrante deixa um vazio no país de origem e não estabelece um vínculo verdadeiro com aquele que o acolheu.

Passados 23 anos desde que deixou a Argentina, Corazón resolve voltar para rever os lugares da sua infância e reatar o fio do novelo que ficara para trás. Sozinha. O objetivo declarado é fazer um documentário sobre a situação dos ítalo-argentinos, mas há outro, mais profundo, do qual “stenta a parlarne, forse è troppo presto”, escreve a autora, na página 286. A história do retorno de Corazón Bellati à Argentina, intitulada *Sul far del mattino*, se desenrola no fatídico ano de 2001, quando o país do tango praticamente foi à falência. Neste último capítulo, o leitor trava contato com uma conversa breve, mas interessante, entre Corazón e um senhor chamado Serrando. Ele é o guardião da *Società di Mutuo Soccorso*, fundada em 1901, em Buenos Aires, para prestar assistência aos imigrantes; todas as manhãs está de plantão no prédio: “Nell’eventualità che qualcuno abbia bisogno di aiuto”, diz (PARIANI, 2007, p. 288). O diálogo traz à tona um capítulo relevante de qualquer percurso migratório: a integração. Por vezes, como se pode ver no trecho abaixo, a integração é imposta com tons um tanto nacionalistas e tenta abafar a bagagem cultural trazida pelo imigrante. Com a emblemática passagem a seguir concluímos a análise da obra de Laura Pariani:

“Questo è un catechismo patriottico”, spiega Serrando. “Fin dalle prime classi, qui in America, ci insegnavano che la nazione argentina veniva prima e sopra ogni altra cosa. Ce lo facevano recitare a memoria.” Mostra a Corazón una pagina di un logoro

libretto che ha levato da una vetrinetta. Ci sta scritto: “Il primo e principale dovere del cittadino consiste nell’amare, onorare e servire la Patria, adoperandosi per la sua prosperità interna e per la sua grandezza e la sua gloria all’estero”. “Succedeva come col prete a dottrinetta. La maestra chiedeva: “Quali sono i doveri del buon cittadino?”, e la classe rispondeva in coro: “Il primo dovere è quello di amare la Patria”. E allora la maestra domandava: “Più dei genitori?”, e i bambini: “Sopra ogni altra cosa.” (PARIANI, 2007, p. 289)

Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia

Um livro de memória que combina a trajetória de uma família com a história italiana e latino-americana, *Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia* consumiu vários anos de pesquisa em arquivos da Sicília, de Buenos Aires e de Cuba. Em dezembro de 1889, Filippo Mortillaro, tio da autora, Beatrice Mortillaro, decepcionado com o caráter autoritário da unificação italiana e desanimado com as dificuldades políticas, deixa a Sicília rumo à Argentina. Uma emigração política, provocada pela desilusão com o Estado unitário e a esperança naquele longínquo país austral, então uma terra promissora. Tinha apenas 23 anos, mas já era escultor.

Devemos retroceder a dezembro de 1999 para entender o que se passou com Beatrice Mortillaro. A fagulha que a levou ao outro lado do oceano e, algum tempo depois, a motivou a escrever um livro de memórias foi acesa naquela data, quando leu uma notícia na imprensa sobre o processo (que teria início em 2000) dos generais argentinos responsáveis pelo sequestro de cidadãos italianos na Argentina. O jornal publicou a lista dos sequestrados. O argentino Ariel Mortillaro, que tinha a cidadania italiana, era um deles. Era filho de Gaspar, um dos cinco filhos que seu tio Filippo teve em solo argentino – e seu primo em segundo grau.

Passados dez anos da trágica morte de seu filho Gabriele, em 1989, Beatrice sentiu uma imensa vontade de reatar os laços perdidos com os Mortillaro na Argentina, “C’è una magia in quanto mi accade. Dovevo ritrovarli”, escreve (MORTILLARO, 2025, p. 48). A última carta dos parentes argentinos datava de 1946. Escreveu para o endereço do envelope e recebeu resposta. Em dezembro de 2000 viajou pela primeira vez a Buenos Aires. Determinada a reconstituir o percurso de sua família, visitou Cuba em 2002, a fim de conhecer Carmen, a primeira companheira de Ariel, e a filha de ambos, Ariella. Foi quando soube dos detalhes do sequestro de Ariel, narrados por Carmen. Depois disso, em 2004, voltou para Buenos Aires.

Entre os extremos cronológicos e geracionais desenrolam-se as trajetórias dos Mortillaro dos dois lados do oceano. A urdidura trançada pela autora revela que a inclinação política da família continua a aflorar na América: soube que, movido pela vontade de contribuir com a construção do *homem novo*, seu primo Gaspar havia morado cinco anos em Cuba, logo após a revolução, onde trabalhou como jornalista e professor, e conheceu Che Guevara. Aspectos que lhe eram, até então, desconhecidos e lhe foram revelados, graças à sua obstinação em conhecer *in loco* os descendentes do tio emigrado.

Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia traz à tona uma percepção quase metafísica dos laços que nenhum acontecimento traumático, nenhuma guerra ou luto foi capaz de romper. É difícil não notar um caráter circular na história da família, como se observa a seguir:

Ho visto un nesso fra le morti, a distanza di tempo l'una dell'altra e in due diversi continenti, di due giovani cugini che non si erano mai conosciuti: Ariel, desaparecido per difendere la democrazia e la libertà dalla dittatura fascista in Argentina, e Gabriele, mio figlio, scomparso per difendere l'ambiente naturale e i fiumi della sua amata Sicilia (MORTILLARO, 2015, p. 58).

Os valores de liberdade incubados pela semente da fé socialista e pelos ideais de Garibaldi que nortearam Don Filippo Mortillaro, o bisavô de Beatrice, que viveu aqueles tempos conturbados da unificação italiana, são transmitidos de geração a geração: “Mi rendo conto che la mia presenza, la storia familiare che racconto, può dimostrare che gli avi arrivati qui da emigrati erano portatori, anche, di cultura e di valori”, escreve (MORTILLARO, 2015, p. 53).

Com quase 90 anos à época do lançamento do livro, Beatrice Mortillaro parece ter escrito um testamento existencial. Desvendou segredos, abriu portas, encontrou perspectivas diferentes para uma trama familiar espalhada por três países. Fechou o círculo. E conseguiu costurar, como poucos, os remendos da memória fragmentada de várias gerações.

Conclusão

O denominador comum mais evidente entre os dois livros é que ambos foram inspirados pela emigração familiar. No entanto, para além desse aspecto, é significativo que ambos os antepassados emigrantes das duas autoras empreenderam o percurso migratório por motivação política. Enquanto Filippo Mortillaro estava desgostoso com o caráter autoritário da unificação e desanimado em relação ao futuro naquele país que acabara de ser constituído, o avô de Laura Pariani abandona a Itália por causa do fascismo.

Também nota-se que tanto uma quanto outra foram incubadas pelo contato real, verdadeiro, com seus parentes da Argentina, e com o próprio país. No caso de Laura Pariani, o “choque” foi mais forte, uma vez que ela conheceu pessoalmente seu próprio avô, com quem até então só tivera contato por intermédio de cartas. Para ambas, no entanto, a experiência parece ter funcionado como uma alavanca para conhecerem mais de si mesmas.

A circularidade também está presente nas duas narrativas. Ambas as autoras percorrem trajetórias com raízes na Itália, se desenvolvem na Argentina, mas não se concluem naquele país. São como círculos que sempre giram e trazem de volta familiares mortos, colocando-os em interação com os vivos. Por fim, o olhar e a sensibilidade femininas que levaram Beatrice Mortillaro, uma mãe dolorida pela perda do filho, a rumar para a Argentina ao saber da morte precoce de outro jovem de sua família, está presente em ambos os livros. Este mesmo olhar e sensibilidade guiaram Laura Pariani na escritura de um romance cujas protagonistas são as mulheres.

Referências

- ABATE, Carmine. *Il muro dei muri*. Milano: Mondadori, 2006.
- AUDENINO, P.; TIRABASSI, M. *Migrazioni italiane. Storia e storie dall'Ancien régime a oggi*. Milano: Bruno Mondadori, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. C.A. Medeiros. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.
- BLENGINO, Vanni. *La Babele nella "Pampa". L'emigrante italiano nell'immaginario argentino*. DIABASIS: Reggio Emilia, 2005.
- CATTARULLA, Camilla. *Argentina 1976-1983. Immaginari Italiani*. Nova Delphi: Roma, 2016.
- CHIELLINO, Carmine. I modelli letterari per raccontare la grande emigrazione (1861-1915). In: V CONVEGNO INTERNAZIONALE L'ITALIANO OLTRE FRONTIERA, 1998, Leuven, Belgio. Atti L'italiano oltre frontiera. Firenze: Franco Casati Editore, 2000.
- COLUCCI, Michele. *La Risorsa Emigrazione. Gli italiani all'estero tra percorsi sociali e flussi economici, 1945-2012*. In *Osservatorio di Politica Internazionale*, Roma, n. 60, lug. 2012. leg16.camera.it/temiap/temi16/PI0060App.pdf. Acesso: 10/6/2018
- FRANZINA, Emilio. *Dall'Arcadia in America. Attività letteraria ed emigrazione transoceanica in Italia (1850-1940)*. Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 1996.
- HORN, Vera. O Tango e o relógio: dois percursos de leitura em *Quando Dio ballava il tango*, de Laura Pariani. In *Revista de Italianística, São Paulo: VI-VII, 165-178*. HORN, Vera. <https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/88009>. Acesso: 13/6/2018.
- LOMBARDI, Andrea. *L'emigrazione come ferita aperta. Cultura italiana e cultura degli italiani*. Roma, 2002.
- MAGNANI, Ilaria. I migranti della letteratura italiana. Dall'assenza all'equivalenza. In: *Zibaldone. Estudios italianos. Valencia: Vol. III, no. 1, 260-270*, jan. 2015. MAGNANI, Ilaria. <https://ojs.uv.es/index.php/zibaldone/article/view/7020>. Acesso: 10/6/2018.
- MARTELLI, Sebastiano et al. Rappresentazioni Letterarie dell'Emigrazione Transoceanica tra Ottocento e Novecento. *Appunti di viaggio. L'emigrazione italiana tra attualità e memoria*. Bologna: Il Mulino, 2007. p. 217-254.
- MAZZUCCO, Melania. *Vita*. Torino: Einaudi, 2014.
- MESSINA, Maria. *Piccoli Gorghi*. Palermo: Sellerio, 1997.
- MORTILLARO, Beatrice. *Da Garibaldi a Che Guevara. Storie della mia famiglia*. Marsala: Navarra Editore, 2015.
- PARIANI, Laura. *Quando Dio ballava il tango*. Milano: Rizzoli, 2002.
- PAOLETTI, Gianni. *Vite ritrovate. Emigrazione e letteratura italiana di Otto e Novecento*. Foligno: Editoriale Umbra, 2011.
- PERASSI, Emilia. Scrittrici italiane ed emigrazione argentina. In *Oltreoceano. Donne con la valigia. Esperienze migratorie tra l'Italia, la Spagna e le Americhe, Udine: Vol. 6, 97-107*, 2012. A cura di Silvana Serafin. PERASSI, Emilia. <http://riviste.forumeditrice.it/oltreoceano/article/view/409>. Acesso: 8/6/2018
- RIMANELLI, Giose. *Família. Memoria dell'emigrazione*. Isernia: Cosmo Iannone Editore, 2000.
- _____. *In nome del padre*. Isernia: Cosmo Iannone Editore, 1999.
- SEDDA, Mariangela. *Oltremare*. Nuoro: Il Maestrale, 2007.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. C. Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

Recebido: 12/09/2019

Aprovado: 27/11/2019